

ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA E CONTEXTO TECTÔNICO DA “SEQUÊNCIA TRANSICIONAL” NA PORÇÃO SUL DA BACIA SERGIPE-ALAGOAS

Liliane Rabelo Cruz¹; Emanuel Ferraz Jardim de Sá²; Valéria Centurión Córdoba³

¹ PETROBRAS; ² PÓS-GRADUAÇÃO EM GEODINÂMICA E GEOFÍSICA (PPGG) E LABORATÓRIO DE GEOLOGIA E GEOFÍSICA DE PETRÓLEO; DEPTO. GEOLOGIA/UFRN; ³ PÓS-GRADUAÇÃO EM GEODINÂMICA E GEOFÍSICA (PPGG) E LABORATÓRIO DE GEOLOGIA E GEOFÍSICA DE PETRÓLEO; DEPTO. GEOLOGIA/UFRN

RESUMO: Este trabalho aborda o detalhamento estratigráfico da Formação Muribeca (tradicionalmente referida na literatura como a “Sequência Transicional”) na Sub-bacia de Sergipe (SBSE), sul da Bacia Sergipe-Alagoas, e sua relação com a atividade tectônica e os processos de subsidência que controlaram sua deposição durante o Neopálio (Alagoas superior), na passagem entre os estágios Rife e Drifte. Os dados interpretados e discutidos neste trabalho foram obtidos principalmente a partir da análise de seções sísmicas 2-D e perfis de poços, a partir dos quais foram confeccionados perfis de análise 1-D, seções geossísmicas e estratigráficas. A interpretação das seções sísmicas mostrou que o limite inferior desta sequência é marcado predominantemente por padrões de terminação em onlap, sobre a discordância que a separa das unidades sotopostas da Sequência Rife ou do embasamento cristalino (Discordância Pré-Alagoas superior). O seu limite superior é marcado por uma superfície de conformidade ou por uma discordância, atestado pela ocorrência de terminações em onlap dos refletores que representam a Sequência Drifte. Regionalmente esta sequência é caracterizada por apresentar geometria externa em lençol drapeado, com sismofácies internas paralela a ondulada. Estruturas com geometria do tipo mound ocorrem associadas a domos e almofadas de sal. De forma localizada, esta unidade se apresenta com geometria em cunha, em seções transversais e longitudinais à bacia, e com sismofácies internas apresentando padrões divergente, prográdantes e contorcido, principalmente junto às falhas, sugerindo controle tectônico durante a sua deposição. A análise estratigráfica dos poços permitiu reconhecer 5 sequências deposicionais de 3ª ordem, interpretadas como tendo sido depositadas em condições progressivamente menos restritas, uma vez que os sistemas deposicionais que compõem os tratos de sistemas evoluíram desde aqueles representados por sistemas siliciclásticos continentais, para sistemas lagunares-evaporíticos e, por fim, para sistemas marinhos restritos. Tal sucessão indica que a Sequência Transicional (sequência de 2ª ordem cujo intervalo de deposição está em torno de 5 Ma, foi depositada em um flanco de subida relativa do nível eustático, onde as variações do nível de base foram controladas pelas interações entre a tectônica e as variações do nível lacustre ou eustáticas. As variações climáticas também parecem desempenhar um papel importante no controle do nível de base e na deposição desta sequência, conforme será mostrado adiante. Considerando um ciclo de 2ª ordem, esta sequência representa a deposição inicial de um Trato de Sistemas Transgressivo, cuja passagem para a Sequência Marinha também estaria marcada por um afogamento dos sistemas deposicionais. Num ciclo de 3ª ordem, a passagem entre estas sequências é balizada por uma discordância restrita que, lateralmente, passa a uma concordância, mais abrangente, correspondente à “discordância de breakup”, denominada Discordância Pré-Albiano. Embora de menor expressão que a DPA, essa discordância representa um marco na mudança de contexto deposicional e do ambiente tectônico (Rife-Drifte), na SBSE. Nesse contexto, a deposição da Sequência Transicional ocorreu num intervalo tardio do rifteamento, com a entrada de um mar epicontinental sobre o segmento de crosta continental ainda em distensão, cuja sedimentação estaria controlada pela combinação de subsidência térmica e mecânica, esta última em franco declínio.

PALAVRAS-CHAVE: SEQUÊNCIA TRANSICIONAL; BACIA SERGIPE-ALAGOAS; EVOLUÇÃO TECTÔNICA.